

Apenas um Depoimento e o “Exílio” de Chaves

A autora deste depoimento – uma das pessoas que mais conviveu com Monsenhor Manuel Teixeira nos últimos tempos da sua vida, em Chaves, e fiel guardiã de pequena parte seu espólio documental – conheceu o padre-historiador em Macau na década de 60. Terra que, segundo a autora, o Padre Manuel Teixeira amava e transformara na sua própria terra. Queria morrer e ficar em Macau, escreveu e disse-o várias vezes. No decurso da sua vida de missionário ocupava todas as suas horas livres a folhear os manuscritos dos arquivos locais, transcrevendo-os e estudando-os, procurando naquelas páginas de história a alma daquela terra *sui generis* que tanto o fascinava. Ana Maria Amaro viu o Padre Manuel Teixeira a recolher penosamente do chão, no Largo do Senado, pedaços rasgados daqueles documentos que faziam parte da sua vida e que os Guardas Vermelhos não haviam poupado (nos anos 1960). Os manuscritos, afirma Ana Maria Amaro, eram a imagem de Monsenhor. O destino não lhe permitiu concretizar a sua aspiração de ficar sepultado em Macau, “entregar-se” finalmente a esta terra. Foi para Portugal, para Chaves, nos últimos anos da sua vida contra a sua própria vontade. “Do Céu para o Inferno”, últimas palavras que a autora lhe ouviu. Para se poder entender como Monsenhor Manuel Teixeira passava os seus dias nesse seu “exílio” de Chaves (como ele dizia) optamos por transcrever algumas passagens das suas cartas e das últimas crónicas que escreveu. E isto para que os seus manuscritos possam contribuir para escrever a sua própria história. [Autor: Ana Maria Amaro, pp. 6-11]

Pegadas Arménias em Macau

Os arménios travaram relações comerciais activas com a China, através de Macau, logo desde os primeiros anos do seu estabelecimento. Quando um navio francês chegou a Macau, em 1698, encontrou arménios no território. Encontramos nos documentos referências

aos arménios, como mantendo uma presença consideravelmente consistente na China ao longo de todo o século XVIII. Por volta de 1790 estavam entre os mais proeminentes mercadores que sustentavam o comércio, tanto em Macau como em Cantão. Como seria de esperar, foram também activos no comércio de contrabando. Os arménios forneciam as ligações entre os impérios coloniais e os mercados externos; forneciam artigos de luxo em Cantão para apaziguar os mandarins; viajavam como mercadores itinerantes através da Ásia, vendendo os seus produtos e investiam na China em muitas capacidades diferentes que ajudavam o comércio a florescer. Até recentemente, muitos destes aspectos relativos à presença dos arménios na China eram muito mal compreendidos. O exemplo dos arménios mostra o quão importantes e influentes os comerciantes individuais privados podem ser no resultado global do comércio. [Autores: Carl T. Smith e Paul A. Van Dyke, pp. 20-39]

Quatro Famílias Arménias

Nos finais do século XVIII e princípios do século XIX existiam diversas famílias arménias proeminentes em Macau. Neste artigo reconstituímos a história de quatro dessas famílias, o que nos dá um vislumbre de como era a vida entre as comunidades não-católicas e não-chinesas na cidade. Tal como a maioria dos outros estrangeiros livres [não escravos] em Macau, os arménios tomaram parte no comércio em Cantão. Um desses arménios, Matheus Johannes, naturalizado português, realizou considerável comércio em Macau com o seu próprio nome. Outro arménio estabelecido em Macau, Lazaro Joannes, teve um filho que colaborou na tradução do Novo Testamento para chinês. Cachick Joannes, igualmente se aventurou no comércio com Cantão, mas deparou com consideráveis obstáculos e dificuldades financeiras. Gregory Baboom, por seu lado, era um indivíduo bastante aventureiro e empreendedor, que tentou obter o monopólio do comércio de ópio

de Bengala que entrava na China. Assim, estas quatro famílias dão-nos uma boa perspectiva cruzada da vida entre estes comerciantes privados, que raramente vemos nos livros de história. [Autores: Carl T. Smith e Paul A. Van Dyke, pp. 40-50]

Estudo dos Mercadores Parses em Cantão, Hong Kong e Macau

A palavra “Parse” não surge frequentemente na moderna historiografia chinesa, não obstante o significativo papel desempenhado por esta comunidade em certos aspectos da história moderna da China, particularmente durante o século XIX. Neste artigo, o autor analisa as diferentes formas por que o termo “Parse” é vertido para chinês, considerando que estas diferentes designações conduziram a uma certa confusão entre os investigadores com a consequente negligência no estudo dos Parses na China. Apresenta também uma explicação para a designação mais comumente utilizada, reconhecendo que a análise dos documentos históricos em Cantão, Hong Kong e Macau contribuirá para o estudo daquela comunidade e da sua vivência nesta região. [Autor: Guo Deyan, pp. 51-69]

Tentativa de uma Nova Abordagem às Origens Históricas da Presença Portuguesa em Macau

Se “O Império Português é um dos maiores enigmas da história”, a fundação de Macau é o mistério dos mistérios. Por conseguinte, Macau tornou-se uma lenda através dos tempos. Em torno das suas origens têm corrido verdadeiros rios de tinta. E apesar da bibliografia considerável sobre este tema, as circunstâncias em que nasceu esta cidade entre dois Impérios não estão ainda perfeitamente esclarecidas. A abertura do porto de Macau terá sido um acontecimento que veio influenciar todo o processo da História Moderna da China. Uma questão de grande complexidade, teve a ver com o sistema tributário, com as necessidades imperiais de âmbar-cinzento,

ABSTRACTS

com a administração interna, com a defesa fronteiriça, com a luta contra as piratarías chinesa e japonesa e com a introdução de novas tecnologias bélicas, entre outros factores. Por falta de documentação coeva, tem sido uma tarefa difícil descobrir as verdadeiras origens de Macau. Desde os primeiros contactos sino-portugueses a China tinha uma política básica para com os Portugueses. O estabelecimento definitivo dos Portugueses em Macau, cuja data mais aceite é 1557, teria sido consequência de uma política pré-estabelecida e de cunho palaciano, de maneira que a questão que se coloca não é a de ter sido com ou sem o conhecimento do imperador, mas sim a forma como Pequim manipulou o surgimento de Macau. Os antecedentes institucionais referidos neste trabalho terão sido as verdadeiras origens do *modus vivendi* de Macau. Todo um conjunto de medidas concretas, discutidas e levadas a cabo pelas autoridades de Guangdong, foram apenas complementares ao modelo institucional que serviu de linha mestra para acomodar os Portugueses em Macau.

[Autores: Jin Guoping e Wu Zhiliang, pp. 70-111]

As Relações Sino-Portuguesas durante a Dinastia Qing através dos Ofícios das Chapas Sínicas

Através da análise da correspondência trocada podemos verificar a natureza das relações entre as autoridades de Macau e o governo Qing e a sua evolução. Neste aspecto da correspondência oficial, o regime Qing era muito formal e rigoroso, pleno de exigências quer quanto ao modelo a utilizar quer quanto à sua redacção e forma de transmissão. À semelhança do que exigia a todos os governos estrangeiros e aos seus próprios cidadãos e instituições às autoridades de Macau impunha que, nos seus contactos escritos com as autoridades chinesas, se socorressem de um dos tipos de “ofício” então previstos e admitidos – o *bingwen* – que por si só significava uma posição de inferioridade do remetente perante o destinatário.

Apesar das frequentes violações por parte das autoridades de Macau, sobretudo a partir de finais do século XVIII, só na sequência do fim da I Guerra do Ópio este regime viria a sofrer alterações. Numa primeira fase, a partir de 1844, as autoridades de Macau passaram a poder socorrer-se do *zhaohui* e a contactar em pé de igualdade os representantes locais do governo Qing (subprefeito de Macau, magistrado distrital de Xiangshan e o seu assistente). Mantinha-se, contudo a obrigatoriedade do uso do *bingwen* nos contactos com o vice-rei de Gungdong e de Gungxi ou com o governo central, que só terminaria, dando lugar ao uso do *zhaohui*, após a criação do Ministério para os Assuntos Estrangeiros (1860).

[Autor: Liu Jinglian, pp. 112-130]

Hibridez e os Prazeres da Deserção: Os Romances de Brian Castro

Brian Castro é um dos mais destacados escritores australianos contemporâneos, autor de sete romances e de diversos ensaios, também já publicados num único volume. Com o seu primeiro romance, *Birds of Passage* (1983), ganhou o prestigiado Prémio Vogel logo que foi editado e com a sua mais recente obra, *Shanghai Dancing* (2003), acaba de receber o Prémio Literário Victorian Premier's, tendo ainda ganho outros prémios. Este artigo é uma introdução geral ao seu trabalho e aos seus temas entrecruzados. Estes incluem a relação entre ficção e história – e de forma mais notável a supremacia da arte de contar histórias – memória e invenção, migração e as possibilidades criativas que emergem de uma condição de exílio e deserção e, intimamente associado a isto, a noção de hibridez como uma força de afirmação de vida. Castro nasceu num *ferry* entre Macau e Hong Kong, onde passou a sua infância antes de ser enviado para um colégio interno na Austrália. É um homem com uma complexa ancestralidade: português eurasiático pelo lado do pai (com inevitáveis ligações a Macau), chinês e inglês por parte da mãe. Alguns dos seus

romances evocam esta formação trilingue, mas simultaneamente cosmopolita. Este facto atinge a sua expressão mais ambiciosa e explícita em *Shanghai Dancing*, uma obra de ficção autobiográfica (ou uma autobiografia ficcionada) baseada na história da sua família. Este romance, assim como outros, para não falar dos seus ensaios, põe em causa percepções mais tradicionais de identidade nacional, baseadas em noções de homogeneidade cultural. Apesar do peso da história ser um factor determinante na sua escrita, não obstante Castro vê a identidade como algo de dinâmico, em evolução e, talvez, acima de tudo, plural.

[Autor: David Brookshaw, pp. 131-139]

Paz em Tempo de Guerra - Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento de George Smirnoff

Completa-se este ano o centésimo aniversário do nascimento de George Vitalievitch Smirnoff que viveu a maior parte da sua vida na China. Nasceu em Vladivostok em 1903, tendo estudado em Harbin, onde também trabalhou além de Tsingtao e Hong Kong. Chegou a Macau em 1944 e por aqui se demorou pouco mais de um ano, tempo suficiente, contudo, para deixar um precioso legado retratando uma cidade cujo perfil ainda não sofrera as mutações que a partir dos anos 60 a iriam transformar definitivamente. A exposição, patente de Julho a Novembro, apresenta todas as aguarelas que Smirnoff pintou por encomenda de Pedro José Lobo, grande mecenas das artes, que as ofereceria de seguida ao Museu Etnográfico e Comercial Luís de Camões. O Museu de Arte de Macau, detentor da obra do artista, organizou esta mostra retrospectiva na sua principal galeria comemorando condignamente os cem anos do nascimento do artista.

[Autor: António Conceição Júnior, pp. 140-153]